FESTA ESPETÁCULO BAYLE DA OBRA: CONFABULAÇÕES DE MEMÓRIAS **TRANSMASCULINAS NEGRAS** NAS ARTES DA CENA

MORACOS MANICONGO SANTOS MANICONGO [1]; GABRIEL HENRIQUE DE ALMEIDA[2]; THIAGO PIRAJIRA CONCEIÇÃO[3]

[1]Universidade Federal de Pelotas – mr.manicongo@gmail.com
[2]Universidade Federal de Pelotas – linfoutdoc@gmail.com
[3]Universidade Federal de Pelotas – thiagopirajira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho investiga o recorte de transmasculinidades negras, no espetáculo protagonizado por pessoas LGBTQIAPN+, negras e periféricas, *Bayle da Obra* (BO)[1], buscando compreender este espaço de criação, como pertencimento e representatividade por meio das artes da cena.

A pesquisa busca compreender como o BO[2] constrói narrativas e possibilidades de existência para corpas dissidentes, com ênfase nas experiências de transmasculinidades negras no contexto da cena espetacular. Como metodologia, utiliza-se o conceito de “escrevivência" de Conceição Evaristo (1995), articulando memória, experiência vivida e produção de conhecimento a partir de narrativas negras e trans. O estudo dialoga também com a perspectiva de “afrotempos” de Thiago Pirajira (2024), compreendendo o corpo, a performance e a criação artística como territórios de ancestralidade, resistência e fabulação de futuros possíveis.

A partir da análise do processo criativo, de entrevistas e de experiências compartilhadas com os Baylers[3], artistas e performers que compõem a festa, busca-se evidenciar o BO como território político afetivo de existência e produção artística para corpas transmasculinas negras

2. METODOLOGIA

Para pensar a proposta metodologia, parto da escrevivência de Conceição Evaristo (1995), entedida aqui por uma forma de narrar experiência do povo negro. Em festa espetáculo BO, trazendo para a cena a vivência de Baylers transmasculinos negros.

Também foi necessário a leitura bibliográfica de referências, como: *Afrotempos: criação e deslocamentos em Mesa Farta, do grupo Pretagô (Porto Alegre, Brasil)*, de Thiago Pirajira Conceição (2024), dialogando com a metodologia proposta pelo autor, se embasando em como práticas radicais de

[1] BO, sigla para Bayle da Obra.
[2] O BO nasceu como resultado das disciplinas de Montagem Cênica na Universidade Federal de Pelotas, com orientação da Prof.ª Dr.ª Alexandra Dias. Teve sua estreia no dia 04 de outubro de 2024, na Sala Carmen Biasoli, no Prédio da Dança e Teatro da UFPel.
[3] Baylers, artistas e performers que compõem a festa espetáculo (BO).

pensar as artes da cena negras podem gerar novos modos do fazer teatral; livro *Transmasculinidades Negras: Narrativas Plurais em Primeira Pessoa* (2021)" que reúne relatos de vivência de transmasculinidades negras e contribui para pensar identidade, memória e produção de conhecimento através da validação de epistemologias transmasculinas negras; Taísa Machado em *Afrofunk e a Ciência do Rebolado* (2020), aborda o conceito de Afrofunk como uma metodologia de rebolar, propondo o ato de rebolar como ciência, espaço de potência para pessoas negras e como o Baile funk produz conhecimento.

Além do processo de criação coletivo, realizei entrevistas com artistas Baylers envolvidos de forma direta ou indiretamente no BO, que dão sustentação a toda minha reflexão. As entrevistas foram gravadas e estão disponíveis na plataforma YouTube. Entrevistados por mim[4], Ícaro Silveira[5] e Matheus Rosa[6]. Foram realizadas perguntas específicas por meio do WhatsApp para DJ Ursão[7] Bayler e Akin Kremer, futuro Bayler, que possuem importantes atuações na cena Ballroom do Rio Grande do Sul, e contribuíram para a construção desta pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ser diretor transmasculino negro e poder participar do *Bayle da Obra* com outras transmasculinidades negras tem me permitido entender como a vivência transmasculina negra é vivida de diferentes formas. Perguntei ao Mateus Rosa se o *Bayle da Obra* atravessa/atravessou ele para fora do espaço cênico, se passar pelo *BO* contribui no sentido de potecializar quem ele é para além da cena, Mateus Rosa: "Eu lembro que quando a gente fez o *Bayle da Obra*, pra mim, enquanto corpo trans e negro, foi a primeira vez que eu tava sem camiseta, só de fita na frente de outras pessoas." A sensação de escuta e pertencimento, vem quando nos sentimos seguros no espaço, com narrativas que dialoguem com quem somos.

Muitos de nós, antes de nos identificarmos como pessoas transmasculinas, já dançamos funk. Cantamos funk. Esse espaço do quadril é um lugar muito importante de poder e autoconhecimento, como aponta Taísa Machado (2020). A bunda é um elemento essencial para a dança funk e, consequentemente, para a construção do BO, que tem como linguagens principais funk, ballroom e capoeira.

Perguntei ao, Dj Ursão (Téo Gomes), meu irmão da Casa de Audácia[8], qual música ele acredita que poderia representar o Bayle da Obra. Ele fez a seguinte recomendação e o convite para que você também a escute: "Uma música que carrega muito bem a energia e a importância da existência do Bayle da Obra é

[4] Moracos Manicongo, diretor e idealizador do Bayle da Obra.
[5] Entrevista com Mateus Rosa. Link: https://youtu.be/hLmOoFhzZ-Q
[6] Entrevista com Ícaro Silveira. Link: https://youtu.be/tw4WdljuuRc
[7] DJ Ursão é DJ residente do Bayle da Obra.
[8] A Casa de Audácia é uma House da cultura Ballroom fundada em janeiro de 2023, em Porto Alegre, por Sophie (Mother Didara de Audácia), uma travesti nordestina, e Zaire (Pãe Babaobá de Audácia), uma pessoa transmasculina não binária preta. A House se caracteriza pelo forte protagonismo de pessoas transmasculinas e negras, atuando como uma família escolhida e um espaço de acolhimento, formação artística, fortalecimento comunitário e desenvolvimento da cultura Ballroom no Rio Grande do Sul.

Rap da Felicidade, de Cidinho e Doca.” Essa música, que representa o funk clássico no cenário brasileiro e foi proposta por DJ Ursão como música que representa o trabalho, me pôs a pensar sobre aquilo que viemos desenvolvendo ao longo dessas 9 edições, realizadas em cidades do Rio Grande do Sul, como Pelotas/RS, Santa Maria/RS e Porto Alegre/RS. Agora, com a 10ª edição, que será apresentada no Porto Alegre em Cena, pedindo apenas para sermos felizes na comunidade à qual pertencemos e reafirmando isso através do BO.

A experiência vivida no BO é guiada por dois Mestre de cerimônias (MCS) ambos se reconhecem como bixas pretas, Moracos Manicongo (transmasculino) e Linfout[9] (homem cis) conhecido como Gabriel Henrique de Almeida, em seu TCC constroe a pespecitaiva de sua pesquisa pensando processos de criação atravessados pelo negroreferciamento nas artes da cena, atrelada a genero e sexualidade, Almeida (2026) diz “As bixas pretas vão tomar conta de tudo” essa pespectiva de bixas vai pra além de pessoas cis, transmasculinidades negras também vivencias experiencias semelhantes, essa frase fomenta a pratica de confabular novas pespeticas de vida.

Inclusive, narrando que, se disserem que não podemos existir ou se tentarem nos retirar de espaços que também são nossos, nós iremos criar nossos próprios espaços. Perguntei também a Akin Kremer, que não performou no espetáculo, mas o assistiu como convidado: “Gostaria de saber se o Bayle da Obra te atravessa/atravessou no cotidiano ou durante a performance e, se sim, como isso acontece?”. Akin (2026): “O Bayle da Obra me atravessa quando vejo a quebrada e a minha realidade sendo transformada em narrativa de possibilidades. Possibilidades de prosperidade, de axé, de arte e esperança. O Bayle da Obra me transforma, pois me lembra do menino que fui e que ainda posso ser”.

Essa afirmação me fez pensar que estamos propondo construções de vida por meio da cena, assim como afirma Thiago Pirajira em *Afrotempos* (2024), ao propor a construção de cenas e fabulações através de nossas experiências de vida. Para encerrar este resultado e discussão, em uma conversa com Ícaro Silveira, contei sobre uma experiência que tive com minha mãe e o seu Èṣù e que essa experiência havia sido escrita antes de acontecer depois de escrever sobre ela, e ele me disse: “A gente escreve coisas que já estão aqui”.

4. CONCLUSÕES

Desde então, compreendo que este projeto não nasce apenas de um exercício intelectual, mas da escuta. Escrevo aquilo que já habita meu corpo, minha ancestralidade, meus encontros e os caminhos que Èṣù insiste em abrir. Escrever, baylar e propor aquilo que ainda não acontece, que já aconteceu e acontece em nosso cotidiano também é uma possibilidade de imaginar futuros e reconhecer aquilo que já está aqui. Assim, o *Bayle da Obra*, em diálogo com as transmasculinidades negras, masculinidades negras que compõem este trabalho, construiu um espaço de pertencimento e segurança para nossas corporeidades.

[9] Linfout, Bayler e assistente de direção do Bayle da Obra.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Gabriel Henrique de. **Confabulando sobre teatro, masculinidades negras e capoeira em um processo de criação**. 2026. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Teatro) - Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2026.

CONCEIÇÃO, T.P. **Afrotempos: criação e deslocamentos em Mesa Farta, do grupo Pretagô (Porto Alegre, Brasil).** Revista Brasileira de Estudos da Presença, Porto Alegre, v.14, n.1, e131511, 2024.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita**. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 16-24, out. 1995. Disponível em: <https://revistazcultural.pacc.ufrj.br/...>. Acesso em: 5 set. 2026.

MACHADO, T. **O Afrofunk e a Ciência do Rebolado.** São Paulo: Cobogó, 2020.

SANTANA, B.; PEÇANHA, L.; CONCEIÇÃO, V. (org.). **Transmasculinidades negras: narrativas em primeira pessoa.** São Paulo: Ciclo Editorial, 2021.

DJ URSÃO. Comunicação pessoal concedida a Moracos Manicongo via WhatsApp, em 5 jul. 2026. Porto Alegre, RS.

KREMER, A. Comunicação pessoal concedida a Moracos Manicongo via WhatsApp, em 4 jul. 2026. Pelotas, RS.

MATEUS ROSA. Entrevista concedida a Moracos Manicongo. 15 jun. 2026. Entrevista disponível no YouTube. Disponível em: https://youtu.be/hLmOoFhzZ-Q Acesso em: 13 jul. 2026.

SILVEIRA, I. Entrevista concedida a Moracos Manicongo. 2 jun. 2026. Entrevista disponível no YouTube. Disponível em: https://youtu.be/tw4WdljuuRc. Acesso em: 13 jul. 2026.